

Afonso X e o seu legado historiográfico e literário em Portugal (ca. 1380-1600)

A obra historiográfica *alfonsina*, especialmente a *Estoria de España*, foi, direta ou indiretamente, a principal referência e fonte de informação sobre o passado da Península Ibérica no final da Idade Média e nos princípios da Época Moderna. Em Portugal, apesar de as crónicas desta época se ocuparem, maioritariamente, do passado nacional, foi à *Estoria de España* e seus derivados que recorreram para o enquadramento de episódios em que o percurso dos diferentes reinos peninsulares esteve fortemente relacionado, ou para traçarem a biografia de figuras ilustres cujas vidas ultrapassaram fronteiras, como sucedeu, em parte, com o famoso mestre da Ordem de Santiago em meados do século XIII, Paio Peres Correia. A partir do momento em que Florian de Ocampo fez imprimir em Zamora, em 1541, uma das versões da *Estoria de España*, essa versão tornou-se a mais famosa, difundida e autorizada de todas, gerando numerosos comentários, aproveitamentos e controvérsias, estas últimas potenciadas, sobretudo, pelas constantes movimentações políticas que procuraram, nos séculos XV e XVI, reunir as diferentes coroas ibéricas e pela importância que a memória histórica teve nesses processos. A tradição historiográfica inaugurada pela *Estoria de España* teve também uma presença assinalável em bibliotecas particulares e institucionais portuguesas, antes e depois da edição de Ocampo. O rei D. Duarte, os infantes D. Pedro e D. Henrique, o Condestável D. Pedro e o mosteiro de São Paulo de Almaziva, em Coimbra, assim como, já no século XVI, a rainha D. Catarina, possuíram manuscritos de crónicas dessa tradição, nomeadamente a *Crónica Geral de Espanha de 1344*, entre outras. Historiógrafos quinhentistas tais como Fernão de Oliveira, na sua

História de Portugal (ca. 1581), citam e discutem abundantemente trechos da *Estoria de España*, e vários sumários de crónicas fazem o mesmo, a partir da edição de Ocampo ou de manuscritos.

Mas nem só em crónicas e sumários de crónicas se fez sentir a presença do legado historiográfico *alfonsino*. Algumas das histórias acabaram por autonomizar-se, adquirindo funções exemplares e sendo, por isso, acolhidas em obras de diferentes tipologias. Um exemplo interessante é o conhecido *Horto do Esposo*, um tratado espiritual português de finais do século XIV que conta e glosa histórias de alguns reis peninsulares de modo muito próximo à que encontramos na *Estoria de España* e derivados. Também em textos poéticos, romances tradicionais ou de autor conhecido, cartas ou coleções de anedotas, por exemplo, encontramos referências ou alusões, por vezes subtis, a factos e figuras que tiveram na *Estoria de España* a sua origem ou forma mais conhecida e divulgada. Menos expectável, e por isso merecedora de registo, é a presença de trechos sobre o passado mais ou menos remoto da Península Ibérica em obras como as gramáticas da língua portuguesa (veja-se a parte inicial da gramática do já mencionado Fernão de Oliveira, impressa em 1536) ou os livros de marinaria quinhentistas (por exemplo, uma compilação desse tipo atribuída ao piloto João Lisboa, de ca. 1514), trechos esses frequentemente originários da tradição historiográfica afonsina. A existência de tais trechos em obras deste tipo revela bem não só a importância do discurso histórico, em geral, e da tradição historiográfica inaugurada por Afonso X, em particular, mas também a sua difusão por distintas camadas sociais, nesta época.

Por outro lado, também a memória do próprio Afonso X perdurou. A memória da sua atuação enquanto rei de Castela e Leão, desde logo. Em meados do século XIV, durante o reinado do seu bisneto,

o rei Afonso XI, e por seu mando, foi redigida a *Crónica de Afonso X*, a qual, apesar de construir uma imagem bastante negativa do monarca, constituiu a mais importante fonte sobre a sua figura e a sua época, nos séculos seguintes. Conhece-se uma tradução portuguesa (parcial) desta crónica, da primeira metade do século XV, possivelmente encomendada pelo infante e futuro rei D. Duarte. Uma preocupação notória desta tradução é reescrever a forma pró-castelhana como aí se narram a conquista do Algarve em meados do século XIII e as posteriores negociações diplomáticas entre as monarquias castelhana e portuguesa, processos de que o rei Sábio foi interessado ou ativo participante. A conquista do Algarve e o complexo processo político que conduziu à sua incorporação na coroa portuguesa (e que uma parte das elites castelhanas considerou como uma grave cedência do seu rei) seriam lembrados e de certa forma instrumentalizados múltiplas vezes pelos tempos fora. Ainda em finais do século XV, serviram como um dos principais argumentos históricos a que os adversários de D. João II lançaram mãos para sustentar os direitos de Isabel, a Católica, ao trono português, nomeadamente no chamado *Memorial Português de 1494*. Compreende-se, assim, que a questão algarvia seja tratada com detalhe nas crónicas portuguesas deste período, como a *Crónica de Portugal de 1419* ou a *Crónica de Afonso III* de Rui de Pina (ca. 1515). Além dos conflitos sobre a posse do Algarve, as ações protagonizadas por Afonso X que as crónicas portuguesas mais recordam são a sua participação nos confrontos provocados pela deposição de D. Sancho II (1245-1248) e a doação de terras à sua filha D. Beatriz, as quais passariam a integrar o património da coroa portuguesa.

Nem sempre compreendida, por vezes elogiada, outras denegrida ou ambigualmente valorizada, a ação cultural de Afonso X e o

seu afã na busca pelo saber tornaram-se, por outro lado, quase lugares-comuns. D. Duarte, entre outros, chama-lhe «o rei astrólogo» (no *Leal Conselheiro*), e as crónicas enumeram algumas das obras escritas ou patrocinadas por Afonso X. Existe até, na versão quatrocentista da *Crónica Geral de Espanha de 1344* feita sob orientação do Condestável D. Pedro em meados do século XV, uma estranha história sobre um animal fabuloso que teria sido criado pelo rei Sábio com o objetivo de destruir a Espanha, mas que viria a morrer por lhe terem sido progressivamente reduzidos os alimentos. Mais ficção do que realidade, esta história simboliza na perfeição a mescla de fascínio e estranhamento que a figura do rei e a sua busca por diferentes tipos de conhecimento despertaram em sucessivas gerações.

Para saber mais...

Bustos, María del Mar de - La Crónica de Ocampo y la tradición alfonsí en el siglo XVI. Fernández-Ordóñez, I. (ed). In: *Alfonso X el Sabio y las Crónicas de España*. Valladolid : Centro para la edición de clásicos españoles, 2000, pp. 187-217

Franco, José Eduardo - O mito de Portugal: A primeira história de Portugal e a sua função política. Lisboa : Fundação Maria Manuela e Vasco de Albuquerque d'Orey, 2000

Jiménez, Manuel González - Alfonso X en la historiografía medieval portuguesa. In: *Estudios Alfonsíes*. Granada : Universidad de Granada y Universidad de Murcia, 2009, pp. 361-370

Moreira, Filipe Alves - A Crónica de Portugal de 1419 : fontes, estratégias e posteridade. Lisboa : FCT/FCG, 2013

Moreira, Filipe Alves - Notas sobre a convivência de línguas em Portugal no século XV e a tradução da Crónica de Alfonso X. In: *e-Spania. Revue électronique d'études hispaniques médiévales*. num. 13 (2012) URL: [<https://doi.org/10.4000/e-spania.21113>]

Nascimento, Aires A. - As livrarias dos príncipes de Avis. In: *Biblos*. Vol. LXIX (1993), pp. 265-287

Primeiros livros de edificação moral e primeira crónica biográfica. Lisboa : Círculo de Leitores, 2019. (Obras pioneiras da cultura portuguesa, vol. 3). ISBN 978-972-42-5151-6

Primeiras obras de marinharia e guerra marítima. Lisboa : Círculo de Leitores, 2018. (Obras pioneiras da cultura portuguesa, vol. 9). ISBN 978-972-425157-8

Ramada Curto, Diogo - A língua e a literatura no longo século XVI. In: *Cultura Escrita. Séculos XV a XVIII*. Lisboa : ICS, 2007, pp. 57-90

Ramada Curto, Diogo - Historiografia e memória no século XVI. In: *Cultura Escrita. Séculos XV a XVIII*. Lisboa : ICS, 2007, pp. 91-118

Vasconcelos, Carolina Michaëlis de - Romances velhos em Portugal : Estudos sobre o romanceiro peninsular publicados na revista Cultura

Española, Madrid 1907-1909. Porto : Lello & Irmão, 1980. (Biblioteca Iniciação Literária)

Filipe Alves Moreira